

A URGÊNCIA DA LIBERTINAGEM

2016

2016 deixa claro que é preciso passar das palavras aos atos, dar o corpo ao manifesto, à luta e ao desejo

TEXTOS: CLÁUDIA DIAS



FOTO: HENRIQUE
CUNHA
ARQUIVADO
ARQUIVADO
ARQUIVADO
ARQUIVADO
ARQUIVADO
ARQUIVADO
ARQUIVADO
ARQUIVADO
ARQUIVADO

Não basta falar dos afetos. Fazem falta Al Bertos, Luiz Pachecos e Mário Cesarinis na dança e nas artes performativas, para abalar o espírito dormente deste século XXI, entremeado por manobras políticas, guerras, conflitos, despejos e instabilidade... É por aqui que se organiza o destaque de uma coleção de criações que transportam a afirmação da possibilidade/necessidade real de ação por parte de uma comunidade implicada nas relações de mútua influência positivas. Já não basta apenas pensar, diz-nos, por exemplo, Cláudia Dias, é preciso agir. São peças de escala intimista (mas não se conclua daqui a defesa exclusiva de solos e duetos, confundindo este elogio com um argumento útil para manter o desinvestimento nestas artes), tão inteligentes quanto sensíveis. "Reencontro" é intimista de outro modo. Um momento de exceção, em Viseu, com um carácter singular, irrepetível e histórico de viabilização de uma troca, troca efetiva, entre quatro criadores da chamada Nova Dança Portuguesa, com identidades muito distintas, que dificilmente seria imaginável que viessem a partilhar o mesmo espaço como intérpretes-criadores. Mais ainda: fizeram-no com o despojamento de se despirem da sua personalidade artística e de brincarem, rirem, habitarem os movimentos dos corpos dos outros criadores. E, fazendo-o, desenharam no gesto uma crítica saudável ao seu próprio discurso e ao facilitismo tendencioso com que se instalam ideias fixas e fechadas sobre seja o que for. O carácter inédito e significativo ficou reforçado pela colaboração com um coreógrafo da nova geração: João dos Santos Martins. Tendo em conta a história de que cada um faz parte, é um ato de libertinagem equivalente à residência de intimidade que Miguel Bonneville cria em "Chérie Chéri", apresentado numa casa de libertinagem de Lisboa, a Mise-en-Scène, no âmbito do festival Temps d'Images. A seu modo, cada um destes espetáculos empreende o seu exercício de libertinagem: Marlene Monteiro Freitas, em "Jaguar", por exemplo, na forma como convoca culturas tão distintas que definem a sua identidade ou operando a metamorfose do significado de códigos reconhecíveis, como o faz, por exemplo, com uma simples toalha; e Faustín Linyekula — em o "Artista na Cidade 2016" —, de que o solo aqui

referido é apenas exemplo de um programa vasto dedicado a um criador da República Democrática do Congo, interventivo na melhoria das condições de vida. Este foi um ano extraordinariamente fértil: as bienais destas artes aconteceram quase todas em 2016, fazendo de 2017 o ano de 'quase inexistência' de bienais. E fora da moldura de raciocínio para a escolha da lista, não podem deixar de ser destacados: a genial colaboração de João Penalva e Rui Lopes Graça em "Quinze Bailarinos e Tempo Incerto"; "Turbulência", de António Cabrita, Henriett Ventura, São Castro e Xavier Carmos; "Carnaval", de Victor Hugo Pontes; e "Romeu e Julieta", de Rui Horta. Cada uma a seu modo reafirmou uma linha de identidade coesa e relevante da atual Companhia Nacional de Bailado, dirigida por Luísa Taveira, que celebra 40 anos em 2017 e acaba de mudar de direção artística.

ESCOLHAS

Bertram
De Paula Ribeiro, Vera Martins, Clara Azevedo, João T. Lisboa e João dos Santos Martins
Chloé Clément
De Miguel Fernandes
O Búfalo e a mãe
De Vera Martins
Portrait Series: I MOCHE
De Fátima Lopes
Jaque
De Mariana Monteiro Freitas
Soprano - Inês: atrevida à direita
De Cláudia Dias
Entre os rios
De Daniel Prata
Empireo Taplova
De Célia Francisco
Autenticidade
De João dos Santos Martins e Cyrille Williams
Tungari
De Flora Deliza

Parece que foi ontem. Quatro coreógrafos reencontram-se 20 anos depois

Viscu. Clara Andermatt, João Fiadeiro, Paulo Ribeiro e Vera Mantero juntam-se duas décadas após a única vez em que trabalharam juntos

MARLANA PEREIRA

Nos arquivos do extinto Ballet Gulbenkian encontra-se um programa da temporada de 1995-96 que anuncia a peça *Quatro Árias de Ópera*. Nela, lê-se uma citação de Siza Vieira: "Por mim gosto de sacrificar muita coisa, de ver apenas o que imediatamente me atrai, de passear ao acaso, sem mapa e com uma absurda sensação de descobridor." O arquiteto, "descobridor", fez o cenário no qual foram dançadas as quatro coreografias que compunham aquela peça. São assinadas por Clara Andermatt, João Fiadeiro, Paulo Ribeiro e Vera Mantero. Passaram-se 20 anos desde a única vez em que os quatro trabalharam juntos. Aquele foi o último

"Somos amigos que não se veem há muito tempo e quando recomeçam a falar parece que retomam a conversa que tiveram da última vez. O reencontro é real, nos encontros a gente lembrou-se de coisas, histórias, diferenças de postura em relação à ideia de coreografia. E, à medida que vamos falando, vamos improvisando...", conta João Fiadeiro.

"As conversas não se esgotam"
Dos duetos, sabemos o que, separadamente, cada um revela. Como Fiadeiro, que conta que, apesar da afinidade estética maior com Vera Mantero, foi surpreendido no ensaio com Paulo Ribeiro. "De repente estávamos no estúdio dele e começámos a dançar a sério, como se tivéssemos 20 anos. Depois começámos a fazer pequenos jogos. "Se



Em cima: João Fiadeiro, João dos Santos Martins, Paulo Ribeiro, Vera Mantero e Clara Andermatt. Em baixo: Paulo Ribeiro, Clara Andermatt, João Fiadeiro e Vera Mantero, com Siza Vieira, que fez o cenário de *Quatro Árias de Ópera*, única ocasião em que trabalharam juntos.





Cult uras

Histórico futurista

Vinte anos depois de o Ballet Gulbenkian os ter reunido em "Quatro Árias de Ópera", Paulo Ribeiro, Clara Andermatt, João Fiadeiro e Vera Mantero reencontram-se em palco, desta vez dirigidos pelo jovem coreógrafo João dos Santos Martins

TEXTO CLAUDIA GALHÓS

H

á duas décadas, Jorge Salavisa despedia-se da direção do Ballet Gulbenkian (BG), que tinha assumido durante outros tantos 20 anos, com um programa especial, “Quatro Árias de Ópera”. Estreava-se a encomenda feita a quatro nomes da chamada Nova Dança Portuguesa para criarem obras a partir de árias operáticas à sua escolha e partilhando um mesmo cenário, do arquiteto Siza Vieira. Estávamos em 1996, Vera Mantero tinha 29 anos, João Fiadeiro 30, Clara Andermatt 32 e Paulo Ribeiro 37. Passados 20 anos, Paulo Ribeiro, coreógrafo e diretor do Teatro Viriato (Viseu), contrariamente ao habitual, decidiu criar um evento raro para o Dia Mundial da Dança — que se assinalou ontem (29 de abril). A performance “Reencontro” acontece hoje. Na verdade, a associação ao evento histórico do BG surgiu *a posteriori*, porque originalmente Paulo Ribeiro tinha apenas pensado em desafiar intérpretes “especiais”, por serem criadores com obra própria mas “que dançaram muito e com os quais tenho grande afinidade”, disse ele ao Expresso. Num dos iniciais raros encontros a quatro, discutiram várias possibilidades de concretizar a proposta, num contexto com pouco tempo para criar, disponibilidade quase impossível de coordenação

de agendas e outros constrangimentos. Fiadeiro introduziu o nome de João dos Santos Martins na equação. “Eu disse a brincar: ‘Se tivéssemos mais tempo, seria interessante convidar um coreógrafo que tivesse nascido na altura em que começamos a criar, em 1989.’ Pensava que não se iam interessar, mas todos concordaram. Depois, o que fizemos foi procurar um dispositivo que por si criasse um evento que não fosse uma improvisação livre, que não dá muitas garantias porque não temos experiência de dançar juntos. O João pareceu-nos a pessoa indicada, até pelo interesse que ele tem pelo arquivo, pela história, e com um olhar hipercontemporâneo, muito atual, de uma sensibilidade e atenção fora do comum”, explicou Fiadeiro.

Todos, incluindo Martins, ressaltam que, na realidade, este não é um reencontro, é um encontro, porque, apesar das fortes relações de décadas que os une e das muitas vezes que se cruzaram, artística e pessoalmente (e até amorosamente), nunca estiveram juntos em palco. Na brevíssima história na dança que João dos Santos Martins tem, já deu nas vistas. Como bailarino, tem dançado com coreógrafos estrangeiros relevantes, e a sua primeira criação profissional, “Le Sacre du Printemps (2013)”, entrou rapidamente e, com reconhecimento, no circuito de dança internacional. No ano passado, criou duas obras. “Projecto Continuado”, estreado em janeiro, entretanto premiado, é um espetáculo de grande fôlego, pelo misto de inteligência e sensibilidade com que toca a condição fragmentária do existir hoje — e do artista, que é sempre, também, pessoa e espectador —, tão erudito quanto mundano,

corpo presente, potencialmente de ficção e substância de passado...

Sobre este encontro — que para já é único e irrepetível, mas com prognósticos só no final —, todos salvaguardam que não há uma representação da dança portuguesa contemporânea. Martins clarifica: “São autores de uma primeira geração, que se questionamos quem faz parte dela e quem são as suas figuras-chave revela uma insuficiência, porque são apenas quatro, e a dança portuguesa é composta por muitos mais nomes. Daí a importância de contextualizar relativamente ao encontro no BG.” Ainda assim, todos também esclarecem que esse referente histórico é um evento numa linha temporal muito mais vasta e que inclui uma ampla diversidade de factos relevantes. Apesar de todas as implicações que este acontecimento tem relativamente a um legado, e a criação de João dos Santos Martins ter aparentemente essa dimensão presente, é o próprio quem faz o ajuste de não circunscrever uma simplificadora associação com o passado. “No meu trabalho, o meu objetivo é pensar que, para fazer determinada peça, preciso de procurar e vasculhar na história, porque o conceito que me leva a fazê-la pressupõe uma consulta desses arquivos e desenvolver um pensamento sobre estes. No caso de ‘A Sagração...’, a ideia era fazer uma maratona de dança que atualizasse o libreto de ‘A Sagração...’ tal como tinha sido escrito pelo Stravinsky, em que havia uma mulher que dançava até à morte. A nossa questão era: que dança é que leva esta pessoa à exaustão? Ou: como é que esta pessoa pode ativar em si uma tal atividade física para atingir aquilo que é o oposto da vida?”, diz João dos



João dos Santos Martins, na capa do *Culturas*, num movimento que imita com humor um espírito de dança distinto do seu. João Fiadeiro, Vera Mantero, Paulo Ribeiro e Clara Andermatt (da esq. para a dir.), primeiro em 1996, na Gulbenkian, e depois neste "Reencontro", com João dos Santos Martins ao meio

Santos Martins. De forma diferente, "Projecto Continuado" replicou o mesmo impulso de pesquisa artística e histórica. Para sorte deste grupo de cinco, todos estão de acordo que o passado é um lugar que visitam mas onde não se querem perder nem habitar.

O modelo de criação passou por encontros de pares, de três horas. Martins propunha que conversassem e dançassem. Cada um viveu uma experiência diferente. João Fiadeiro foi surpreendido nessa viagem: "Com a Vera só falámos, talvez porque já dançámos muitas vezes juntos, ou talvez porque ela tivesse acabado de estreiar a sua última peça. Com a Clara e o Paulo dancei, e a sério. Veio de lá o meu corpo, que já estava meio escondido. Temos uma amizade forte e antiga, mas é diferente da relação que tenho com a Vera, que é de discussão conceptual e teórica ou coreográfica. Adorei dançar com o Paulo. Há mais de vinte anos que não tocava naquele corpo. E o João Martins dançou connosco."

O primeiríssimo de todos os encontros foi entre Vera Mantero e Clara Andermatt. Foi o único em que Vera ainda soltou "uns vaguíssimos movimentos", diz a própria. "Sempre fui avessa a mexer-me sem mais nem menos. Para o fazer é preciso entrar num estado mental de mergulho improvisacional. Mesmo a conversa tem de ser conversada nessa outra dimensão. Fiz um bocadinho, porque a Clara conseguiu isso de mim, mas nos outros encontros estava sempre com medo que o João dissesse: 'Agora vamos mexer.' É mesmo uma questão epidérmica, fico apavorada." Clara recorda que João dos Santos Martins lhe pediu: "E se agora começasses a ter no teu corpo as memórias que tens do corpo da Vera?"

É muito diferente, por exemplo, a Vera recuperar a memória do meu corpo nela, porque ela está muito presente com o seu corpo e a sua cabeça em tudo o que faz. Os meus trabalhos são muito diversificados e com muita gente, e eu muitas vezes não estou lá fisicamente." E é este raciocínio que a leva a explicar uma afirmação de Martins de que o desafio era dançarem e falarem em simultâneo, mas as duas atividades aconteceram sempre isoladas. "Quando começamos a pegar no movimento um do outro, tem de haver um pensamento, uma memória procurada. Por isso, o discurso fica menos fluido."

Enquanto o texto se escreve, a moldura que define o espaço de liberdade e de estrutura do encontro que inclui improvisação continua a ser discutida, como refere João dos Santos Martins: "A proposta é composta por dois dispositivos. Por um lado, vamos construir uma *timeline* entre 1958 e 2016, que compreende uma relação direta com os quatro, com a história da dança em Portugal e a história da dança global, também focada em eventos sociais, mas mais em relação ao contexto português, dentro do qual estes quatro autores são precursores de um novo investimento estético na dança contemporânea. Esta *timeline* é uma espécie de instrumento para materializar as conversas que tivemos durante este mês e também para evidenciar coincidências e pontos comuns em factos distintos. Por exemplo, a Vera nasceu em 1966, no primeiro ano em que o Merce Cunningham veio a Portugal. Depois, ela entra no BG em 1981, o ano da terceira vez em que o Cunningham cá vem. Dá logo para construir uma pequena história de relações... Esta é uma vertente mais cronológica e linear. Por outro lado, temos uma performance caótica e ficcional que resulta da constatação de que este reencontro é um encontro, porque os quatro nunca dançaram juntos. A proposta de ação no espaço vai à procura da possibilidade desse encontro, que passa por uma especulação do que poderia ser uma amorização destes artistas numa ideia de companhia ou de unidade, o que é uma hipótese descabida. A minha presença neste grupo permite que eu questione a história destas quatro pessoas, do seu trabalho, das suas relações, do seu contexto, sem memória presencial dela." "Esta ideia já é bem sucedida por criar uma oportunidade de encontro e reflexão em conjunto", diz Vera. "Temos passado e temos muito futuro." ●

REENCONTRO

De Vera Mantero, Paulo Ribeiro, Clara Andermatt, João Fiadeiro e João dos Santos Martins

Solar do Vinho do Dão, Viseu, hoje

www.teatroviriato.com